

VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho. O Trabalho no Século XXI.  
Mudanças, impactos e perspectivas.

GT 18 - Psicología Social Del Trabajo En América Latina: Identidades y procesos de subjetivación, salud de los trabajadores, prácticas y producción de sentidos en lo cotidiano.

Luta dos trabalhadores dos frigoríficos da região de Chapecó pela saúde: dimensões do medo, da solidariedade e da resistência

Andréa Luiza da Silveira

## Luta dos trabalhadores dos frigoríficos da região de Chapecó pela saúde: dimensões do medo, da solidariedade e da resistência

Neste trabalho objetiva-se relacionar a ação política dos trabalhadores de frigoríficos da região de Chapecó/SC com a dinâmica que envolve a resistência, a solidariedade e o medo. Além da pesquisa bibliográfica e documental utilizou-se da pesquisa ação, mediante a vivência dos autores em atividades promovidas pelo sindicato da categoria. Observou-se que a ação política frente às condições de saúde no trabalho em frigoríficos pode ser caracterizada através da perspectiva: a) histórica, destacando a nova gestão organizacional a partir da década de 90 e o processo de luta para uma representação sindical legítima integrando poder público e movimentos sociais; b) política, em que a disputa pela gestão do processo de trabalho prima pela normatização do ritmo e jornada e; c) psicológica, primordialmente a experiência do medo vivida por trabalhadores e dirigentes sindicais relacionada a solidariedade e a resistência.

## Introdução

Este trabalho resulta da inserção dos pesquisadores em atividades do sindicato dos trabalhadores de abate e beneficiamento de carnes da região de Chapecó/SC. Tratamos, sobretudo, de problematizar a dinâmica resistência, solidariedade e medo, situando-a no atual contexto histórico local visando ressaltar o medo como uma experiência psicológica que vem sendo manipulada por mecanismos de gestão.

A indústria de abate e processamento de carnes é tão expressiva no Brasil quanto no resto do mundo, o seu “[...] crescimento econômico, entretanto, não vem acompanhado de melhoria das condições de trabalho.” (Sardá et. al., 2009, p.60). Na cidade de Chapecó, localizada na região Oeste de Santa Catarina/BR, encontram-se unidades importantes para o setor, sobretudo aquelas que produzem para a exportação. A disputa pela organização dos processos de trabalho constituintes dessa agroindústria ocorre também nos enfrentamentos cotidianos dos trabalhadores com os gestores, sobretudo aqueles que controlam diretamente o ritmo e a jornada, isto é, líderes e supervisores. Assim, observamos que a configuração das disputas pelo controle do processo de trabalho é um dos aspectos que define as possibilidades das conquistas da condição de saúde desses trabalhadores.

Deste modo, parece-nos importante apontar algumas das dimensões que compõem, a nosso ver, tal disputa. A dimensão histórica denota as particularidades do modelo de gestão adotado no setor a partir da década de 90 rompendo com o patriarcalismo anterior a ele. Ao mesmo tempo, no campo das lutas políticas, a disputa pela representação sindical legítima integra o poder público e os movimentos sociais. Ainda no campo político, destaca-se o processo de trabalho como *locus* de embate, sobretudo no que se refere a definição do ritmo e da jornada de trabalho. Nesse contexto, nota-se a experiência psicológica, primordialmente o medo, vivido por trabalhadores e dirigentes sindicais, relacionado à construção das relações solidárias que possibilitem ao coletivo de trabalhadores resistência frente às retaliações que, de algum modo, são obrigados a lidar.

Consideramos, então, fundamental para compreender a condição de saúde no trabalho em frigoríficos resgatar, inicialmente, as mudanças históricas características da classe trabalhadora e do empresariado da região Oeste catarinense e ligá-las ao modelo de gestão adotado hoje. Em segundo lugar, situar as lutas pela saúde e condições dignas

de trabalho no âmbito local, indicando algumas de suas peculiaridades. E, por fim, refletir sobre a experiência psicológica que pode ser determinante para a promoção ou não da solidariedade deste coletivo possibilitando certa resistência.

### 1. A reestruturação produtiva e o modelo de gestão “frankenstein”

A primeira fase da agroindústria, mas especificamente a Sadia S.A., é marcada pela administração de seu fundador Atilio Fontana que, segundo Espíndola (1999, p.70) utilizava-se de mecanismos de dominação “[...] econômica, cultural, moral e física.” A inserção social da família Fontana na comunidade foi denotada por um modo de agir bastante próximo do patriarcalismo, marcado por recrutar trabalhadores entre amigos, vizinhos e parentes.

Associado ao crescimento da agroindústria, as terras disponíveis para a atividade agrícola tornam-se mais escassas. As pequenas propriedades passam a ser divididas pelos membros da família deixando de fora os meeiros<sup>1</sup>. Muitas delas passam a ser utilizadas para o plantio de cereais destinados a alimentar os animais para o abate ou passam a ser utilizadas para a criação destes animais. (Santos, 2011; Espindola, 1999) Assim, “[...] a segmentação das pequenas propriedades rurais acabou sendo a primeira fonte fornecedora de força de trabalho para as futuras agroindústrias.” (Santos, 2011, p.175), além de provedora de matéria-prima. Temos, então, a precarização da agricultura aliada à crença dos trabalhadores de que a agroindústria traria crescimento econômico tanto para eles mesmos quanto para a região.

Entretanto, a partir da década de 90, a gestão patriarcal ainda bastante ligada ao taylorismo/fordismo vai sendo substituída, aos poucos, por um novo modelo. Os herdeiros do patriarca adotam o modelo de gestão flexível com o intuito de modernização. Assim, a reestruturação produtiva torna-se mais evidente no setor pelas mudanças na relação dos trabalhadores com a hierarquia e com a maquinaria que se transforma tanto quanto a cultura da organização. O patriarcalismo dá lugar ao modelo de gestão “frankenstein”, como refere Merlo (2007) a um amálgama entre taylorismo/fordismo

e gestão flexível. O ritmo de trabalho e as regras de gestão alteram a relação do trabalhador com o processo de trabalho, acentuando a subordinação do seu trabalho ao ritmo da própria máquina. Um dos dirigentes do sindicato com muita experiência na fábrica, diz num seminário sobre saúde do trabalhador organizado pelo sindicato que o trabalho antes era mais pesado, porém era mais lento. Hoje, o trabalho é mais leve, entretanto sua velocidade ditada pela máquina tem como consequência um aumento exponencial das doenças ocupacionais. (Sardá et. al. 2009, Santos, 2011).

## 2. Disputas políticas: ritmo e jornada de trabalho em evidência

Atualmente, as relações sócio-políticas tanto dentro como fora da fábrica, reconhecidas de forma emblemática pela reestruturação produtiva, estão consolidadas. Entretanto, vale salientar que novas estratégias frente ao processo de trabalho foram adotadas a medida em que uma nova diretoria do sindicato é eleita.

Pela primeira vez em 22 anos, um grupo claramente independente da empresa assume a direção do sindicato. No processo eleitoral a saúde passa a ser uma discussão prioritária da campanha. Durante o processo eleitoral foi solicitada pelo Ministério Público do Trabalho da região ao Ministério do Trabalho e Emprego – MTE a verificação das condições de trabalho na Sadia S.A., maior indústria da região. A fiscalização promovida pelo MTE resulta na identificação de não conformidades no processo de trabalho fundamentando o nexos do adoecimento dos trabalhadores com as atividades laborais e oferecendo as bases necessárias para uma Ação Civil Pública, impetrada pelo Ministério Público do Trabalho, que baseou um Termo de Ajuste de Conduta - TAC. (Sardá et. al., 2009)

Sardá et. al. (2009) mostra a condição de saúde em duas unidades da citada indústria através dos dados oferecidos pelo Procedimento de Investigação do MPT – Ofício de Chapecó e pela Gerência Executiva do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) da mesma cidade. Refere que os dados “[...] revelam uma elevada prevalência e incidência crescente de doenças e agravos à saúde, especialmente relacionadas a distúrbios osteomusculares e transtornos mentais, em relação a ambas as empresas.” (Sardá et. al. 2008, p. 61)

A atividade de fiscalização levantou dados relevantes sobre as problemáticas do

processo de trabalho, com destaque para o ritmo acelerado e a jornada de trabalho excessiva. Santos (2011), ao investigar o processo de trabalho da mesma unidade desta agroindústria, mostra a relevância das problemáticas já apontadas e indica que há uma experiência psicológica que denominamos ‘medo’, promovida pela forma como o trabalho é organizado. O estudo indica também que a relação entre o medo e a solidariedade e a resistência estão presentes no cotidiano de trabalho desse coletivo.

### **3. A centralidade do processo de trabalho para a luta dos trabalhadores pela saúde**

No caso aqui exposto, observou-se que o processo de trabalho se constitui como campo de disputas tanto no cotidiano do coletivo quanto no campo político. Assim, procede considerar o processo de trabalho como conceito, objeto de diagnóstico e de intervenção que unifica o campo da saúde do trabalhador. E, por isso mesmo, a disputa na interioridade do processo de trabalho ocorre através do pleito pelo seu controle, principalmente “[...] no que concerne às pausas, aos movimentos e aos tempos de realização das operações.” (Merlo, 2007). Desta forma, Gomes e Lacaz (2005, p.799) postulam que a “[...] análise dos processos de trabalho é uma ação teórico-prática potente, pois permite identificar as transformações necessárias a serem introduzidas nos locais e ambientes para a melhoria das condições de trabalho e saúde”.

Os estudos de Neli (2006), em frigoríficos do Oeste do Paraná, mostram que sintomas de distúrbios do sono ligam-se ao medo de perder o início da jornada de seu turno. Santos (2011), no contexto do Oeste Catarinense, mostra o medo de perder o emprego sob dois aspectos: um deles aparece como ameaça de demissão, mecanismo utilizado pelos gestores para o controle dos trabalhadores; e outro deles trata-se da demissão propriamente dita, como atitude dos gestores que descartam o trabalhador doente que já não lhes é mais útil. Acrescenta-se a este último aspecto, o medo de ser considerado um ‘mau’ trabalhador por entrar em licença de saúde, o que faz com que muitos trabalhadores permaneçam trabalhando. Ademais, há o medo de sofrer a repressão impingida pela gestão que visa, por sua vez, solapar a organização dos trabalhadores.

Merlo (2007, p.67) discute como o medo atinge a solidariedade. Reafirma que o medo “[...] reforça, muitas vezes, condutas de obediência, de submissão, quebrando a reciprocidade e a solidariedade entre os colegas de trabalho, na medida em que o temor pessoal separa, individualiza o sofrimento daqueles que estão na mesma condição

(Dejours, 2001).” No caso dos trabalhadores dos frigoríficos de Chapecó há um movimento de resistência representado pelo fortalecimento do sindicato da categoria que elegeu como uma das suas prioridades a prevenção e a promoção da saúde dos trabalhadores. Em contrapartida, a gestão do trabalho reage. Em certa reunião, ao tratar do item c. do TAC “Proceder às notificações de todos os acidentes de trabalho [...]” (MPT, 2011, p.2), os trabalhadores revelam que as notificações não estão sendo feitas e que os trabalhadores se submetem a isto porque têm medo.

O TAC estabelece normativas sobre a jornada, a pausa e o ritmo de trabalho. A título de exemplo, destaca-se o que os trabalhadores dizem sobre o ritmo, ou seja, que se a empresa faz pausa acelera o ritmo e se o ritmo está de acordo ao TAC não faz a pausa. Para justificar tal falta os gestores argumentam a necessidade de produzir para atingir a meta utilizando-se, muitas vezes, do medo de perder o emprego como estratégia de convencimento. Neste sentido, pensamos que a manipulação do medo passa a ser um dispositivo de gestão, que, como mostram os estudos de Merlo (2007) e Dejours (2004), contribui para fragmentar a solidariedade desse coletivo de trabalhadores afetando as condições de possibilidade de resistir.

### **Considerações Finais**

Demarcamos um contexto histórico que parece ser de dominação tanto das redes sócio-políticas que transcendem a fábrica quanto na sua interioridade através da gestão. A experiência histórica, quiçá alienada, é vivida individualmente, em boa parte por uma corporeidade afetada pela doença ocupacional e pelos acidentes de trabalho. Um conjunto de forças representadas pela aliança entre setores do poder público e a organização política dos trabalhadores mobilizam um processo de resistência cujo auge é a eleição de um sindicato que prima pela saúde dos trabalhadores. Resta compreender, ainda mais, como o processo de resistência está sendo vivido no âmbito da indústria e qual a importância da experiência psicológica que denominamos “medo”, tanto para os mecanismos de gestão quanto para a efetivação da solidariedade do grupo.

## Referência Bibliográfica

- DEJOURS, Christophe. *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Celma Lacman e Laerte Idal Sznelwar (orgs.) – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, Brasília: Paralelo 15, 2004.
- ESPÍNDOLA, José Carlos. *As Agroindústrias no Brasil: o Caso Sadia*. Chapecó: Editora Grifos, 1999.
- LANCMAN, Selma; SZNELWAR, Laerte Idal. *Christophe Dejours: Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Rio de Janeiro e Brasília: Editora Fiocruz e Paralelo 15, 2004.
- MERLO, A.R.C.; LAPIS, N.L. *A saúde e os processos de trabalho no capitalismo: reflexões na interface entre a psicodinâmica do trabalho e a sociologia do trabalho*. *Psicologia & Sociedade*; 19 (1): 61-68; jan/abr. 2007
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO TRABALHO, MPT. Termo de Ajuste de Conduta n.01477. Procuradoria Regional do Trabalho da 12ª Região, 2011
- MUCHAIL, Salma Tannus. Merleau-Ponty e a história. *Cronos*, Natal-RN, v. 9, n. 2, p. 405-413, 2008.
- NÉLI, Marcos Acácio. *Reestruturação produtiva e saúde do trabalhador: um estudo com os trabalhadores da indústria avícola*. (2006). 106 f. Dissertação (Mestrado) - Medicina Social da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2006.
- ODONNE, Ivvar. *Ambiente de trabalho: a luta dos trabalhadores pela saúde*. São Paulo: Hucite, 1986.
- SANTOS, Maria Aparecida dos *O Sofrimento dos Trabalhadores da Agroindústria Sadia S.A de Chapecó*. (2011). 333 f. Mestrado (Mestre) - Pós-Graduação em Serviço Social, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- SILVEIRA, Andréa Luiza da. *CRÍTICA DE RESULTADOS DE UM PROGRAMA DE PREVENÇÃO ÀS DOENÇAS OCUPACIONAIS DESENVOLVIDO NUMA INSTITUIÇÃO PÚBLICA DO ESTADO DE SANTA CATARINA*. . (2003). 143 f. Dissertação (mestrado) - Pós-Graduação em Engenharia de Produção, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.
- VIEIRA, C.E.C.; BARROS, V.A.; LIMA, F.P.A. . Uma abordagem da psicologia na presença do trabalho. *Psicologia em Revista*, v. 14, n. 1, 2007.